

### III ENCONTRO DE REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DA ESCRITA

7 de Dezembro de 2006 / ESEL

## ACTIVIDADES DE ESCRITA (nas diferentes disciplinas) E APRENDIZAGEM

### PROPOSTA DE COMUNICAÇÃO

**Título: Da leitura à escrita criativa para a infância: a Literatura para a Infância na ESEL**

Autor(es): **Cristina Nobre.**

**Doutorada em Literatura Portuguesa com a tese:** Nobre, C. (2005), *Afonso Lopes Vieira – A Reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II, INCM, Lisboa.

**Prof.ª Adjunta do departamento de Línguas e Literaturas da ESEL /IPL.**

[cnobre@esel.ipleiria.pt](mailto:cnobre@esel.ipleiria.pt)

### RESUMO:

#### **Da leitura à escrita criativa para a infância: a Literatura para a Infância na ESEL**

Partindo da experiência pessoal de cerca de vinte anos na leccionação da disciplina de Literatura para a Infância aos cursos de formação inicial de Educadores de Infância, Professores do 1.º ciclo do ensino básico e Professores do 2.º ciclo do ensino básico, nas variantes de Português/Francês e Português/Inglês; Matemática e Ciências da Natureza; Educação Musical; Educação Física e Educação Visual e Tecnológica, na Escola Superior de Educação de Leiria [ESEL], procurarei reflectir sobre os passos metodológicos que levam da leitura dos textos para a infância, entre outros, à escrita criativa destinada a um público infantil, por estudantes em processo de formação.

A presente comunicação mostrará alguns exemplos de produtos finais de escrita criativa da autoria dos estudantes, evidenciando as vertentes de exploração pedagógica, didáctica e ideológica, numa interacção entre assimilação de conteúdos e a sua mobilização em áreas pedagógicas de ensino/aprendizagem, de transmissão de valores e estético/artísticas, através das possibilidades da escrita criativa.

[...] Não estou a defender que os estudantes estudem história literária, porque ela tenderia a ser algo que se aprende, em curto, pobre, e por ouvir dizer. Estou sim a defender que eles comecem a aprender a historicidade do que se chamou Poesia, *Epos*, Eloquência, Belas Letras, Literatura. Comecem a aprender que textos são mundos possíveis e, no limite, alternativos; ou num outro vocabulário, versões lacunares e precárias de mundos; que textos são partes e imaginações de formas de vida que interagem ou tendem a interagir com os modos como efectivamente vivemos.

De forma análoga, se é certo que a literatura não se deixa reduzir a um cânone, é quanto a mim indispensável que se siga a proposta de Vítor Aguiar e Silva quanto ao estudo de “núcleos de textualidade canónica”. A assunção expressa de que tais núcleos são construídos, ou correspondem a uma construção simbólica e social, não fecha o cânone, antes tornando-o visível ou explícito, facilita a crítica e a controvérsia sobre o elenco e o repertório, os critérios da sua selecção e as regras da sua produção, por dilatação e recomposição. [...]

GUSMÃO, Manuel (2006) “Desde que somos um diálogo” in *Ensino do Português para o Século XXI*, Lisboa, ed. Colibri, p. 22.

Falar do óbvio não é nunca uma tarefa óbvia. Transforma-se, por vezes, no desfazer de um novelo há muito emaranhado ou uma teia com pontos que fomos assimilando para depois esquecermos por incorporação absoluta. Isto mesmo aconteceu comigo quando decidi partilhar a minha experiência de cerca de duas décadas na formação inicial de professores<sup>1</sup> na área da Literatura para a Infância. Na verdade, aquilo de que mais me orgulho, quando faço uma autoavaliação crítica da disciplina, é da produção criativa feita pelos estudantes no final do semestre, que pressupõe a activação de uma série de competências específicas relativas à escrita literária ou paraliterária, dirigida a um público infantil ou juvenil, assim como competências mais generalistas sobre o objecto livro infantil / álbum e a questão incontornável da ilustração. No entanto, explicitar o caminho percorrido – no escasso tempo de um semestre lectivo, cuja duração não vai normalmente além dos três meses de trabalho – para chegar a estes produtos finais de escrita de qualidade e, nalguns casos excepcionais, de qualidade literária, é uma tarefa labiríntica. Vejamos, pois, que trajectos tenho percorrido para sair do meu ensimesmamento e entrar num diálogo com o(s) outro(s).

---

<sup>1</sup> Na Escola Superior de Educação de Leiria [ESEL], a disciplina de LITERATURA PARA A INFÂNCIA faz parte integrante dos planos de estudo dos cursos de formação inicial de Educadores de Infância, Professores do 1.º ciclo do ensino básico e Professores do 2.º ciclo do ensino básico, nas variantes de Português/Francês e Português/Inglês; Matemática e Ciências da Natureza; Educação Musical; Educação Física e Educação Visual e Tecnológica, e ainda, desde 2004/05, do Curso de Educação Social e Desenvolvimento Comunitário, com a designação LITERATURA INFANTO-JUVENIL. Em todos os casos é uma disciplina semestral, com uma carga horária que oscila entre as 45h e as 60h semestrais. Nos planos curriculares do novo curso de Educação Básica – 1.º ciclo, segundo o Processo de Bolonha, a *Literatura para a Infância* está presente como unidade curricular no 3.º semestre, 2.º ano, com 60h teórico-práticas e 7h de orientação tutorial, horas de contacto por semestre, correspondente a 5 UCs; e no curso adequado de Educação Social, a unidade curricular tem a designação de *Literatura para a Infância e Juventude*, no 3.º sem., 2.º ano, com 45h teórico-práticas e 6h de orientação tutorial, horas de contacto por semestre, correspondente a 4 UCs.

O meu objectivo prioritário é mostrar os passos metodológicos seguidos, grosso modo durante três meses, que levam da leitura dos textos para a infância, entre outros, à escrita criativa destinada a um público infantil ou juvenil, por estudantes em processo de formação, em âmbitos directamente relacionados com a formação de profissionais de educação, dos diversos níveis de escolaridade ou da área mais abrangente da educação social. Este objectivo geral aparece desdobrado nos objectivos do programa da disciplina<sup>2</sup>, em sete linhas específicas de trabalho e de investigação, a saber:

1. Adquirir ou desenvolver o gosto pela literatura para a infância;
2. Conhecer textos da tradição universal, da tradição portuguesa e de autores portugueses contemporâneos de literatura para a infância;
3. Reflectir sobre a literatura para a infância como instrumento formativo, pedagógico-didáctico e lúdico; / de intervenção e de animação;
4. Desenvolver estratégias para a utilização em ambiente escolar / em animação cultural da literatura para a infância;
5. Adquirir (ou desenvolver) capacidades expressivas, verbais e não verbais, necessárias à arte de ler, contar e produzir histórias infantis ou juvenis;
6. Apurar as capacidades de análise de textos de literatura para as crianças; / Apurar as capacidades de intervenção social através de textos de literatura para as crianças e jovens;
7. Articular a literatura para a infância com a utilização de outros meios de expressão (a imagem, a mímica, o teatro, etc.) / em projectos de animação e desenvolvimento social.

Assim, o primeiro passo metodológico consiste na imersão num *horizonte de memórias da infância*. Feita uma sondagem prévia, a esmagadora maioria dos estudantes revela não ter hábitos de leitura nem de escrita consistentes, embora alguns oscilem na linha de fragmentação do *gosto pela leitura*. Quase todos afirmam que gostavam muito de ler em crianças, ou que retiraram muito prazer e conservam recordações agradáveis dos tempos da infância em que um adulto do núcleo familiar lhes lia/contava histórias. Uma grande parte situa a ruptura com esse mundo mágico da infância na entrada na adolescência e na imposição de leitura de algumas obras literárias no decurso da escolaridade obrigatória. Aliás, as obras referenciadas pelos alunos da disciplina são quase só textos literários incluídos nos programas

---

<sup>2</sup> Apresenta-se uma fusão dos objectivos do programa de LITERATURA PARA A INFÂNCIA dos Cursos de Formação de Professores e do programa de LITERATURA INFANTO-JUVENIL do Curso de Educação Social e Desenvolvimento Comunitário. No entanto, chamamos desde já a atenção para a questão das competências específicas de aprendizagem, que já foram enunciadas para o programa do curso de Educação Social, segundo o Processo de Bolonha, para o ano lectivo de 2007/2008, e que enunciei da seguinte forma:

- a) Domínio dos textos da tradição universal e da tradição portuguesa de LIJ
- b) Capacidade de ler, contar, analisar e produzir histórias infanto-juvenis
- c) Conhecimento de vários modelos de análise da narrativa
- d) Mobilização de vários meios de expressão (a imagem, a ilustração, a mímica, o teatro...) articulados com a LIJ em projectos de animação e desenvolvimento social
- e) Capacidade de intervenção social através de textos de LIJ
- f) Capacidade para desenvolver e utilizar estratégias para a utilização da LIJ em diversas comunidades, com vista ao desenvolvimento comunitário e à educação social

de Português, e algum autor da designada *literatura descartável*, indicando as grandes superfícies, quase exclusivamente, como local preferencial de selecção dos poucos livros adquiridos.

Perante este panorama pouco simpático para o professor da disciplina – mas muito pragmaticamente identificável, convenhamos, com o da maioria dos estudantes do ensino superior – tenho optado por um retorno ao *sótão* das memórias infantis, e peço que todos seleccionem e tragam para a aula prática um livro do seu tempo de meninos sobre o qual guardem uma boa recordação e que gostariam de contar aos colegas. Começa deste modo uma imersão no mundo de uma leitura que foi recreativa e formativa, associada aos afectos, e que aos poucos foi sendo abandonada em função de um leque de ofertas educativas e formativas cada vez tecnologicamente mais exigentes e afastadas da materialidade do livro. De certo modo, trata-se de um retorno ao esforço mais exigente e solitário da leitura, embora a utilização profusa e esteticamente complementar das ilustrações coloque a leitura de livros infanto-juvenis num campo privilegiado, num meio termo entre a complexidade da actividade intelectual de decifração/interpretação e a aparente facilidade da actividade sensorial da visão/usufruto imediato. O que mais me importa destacar neste processo é que a capacidade de *reviver* algumas das emoções experimentadas na infância pela primeira vez, e agora activadas num contexto de simulação entre jovens-adultos, produz importantes interacções com as capacidades reveladas na *arte de contar histórias* e de simular / adaptar / inventar novas histórias ou completar histórias interrompidas ou esquecidas. Ou seja, os que leram mais em crianças, ou aqueles a quem foram contadas mais histórias, são também aqueles que revelam um maior domínio das capacidades inerentes à arte de narrar e que apresentam mais facilidade em transpor as regras básicas de adaptação da linguagem, dos registos discursivos adequados, da dicção, da postura corporal, da relação de cumplicidade estabelecida com o público. Quem leu mais em criança, conta melhor em adulto, usa a linguagem com mais mestria e revela capacidades de imaginação – mais tarde articuladas em discurso escrito – maiores do que os que tiveram uma parca experiência de leitores ou ouvintes de histórias infantis.

Em simultâneo, nas aulas teóricas vão sendo abordados conceitos fundamentais como a definição do conceito de literatura infanto-juvenil, a constituição de um cânone de literatura para a infância e juventude e a abordagem diacrónica e histórico-literária dos principais cultores do género infantil, desde os fabulistas da antiguidade clássica até aos contistas da tradição oral, como Perrault e os irmãos Grimm, para chegar à originalidade das criações individuais como as de Hans Christian Andersen, sem esquecer a riqueza de tradições

diferentes da ocidental, como a recolha oriental das *Mil e Uma Noites*, ou outras, como a tradição russa ou africana<sup>3</sup>.

Numa tentativa de articular conteúdos teóricos e práticos, o passo metodológico seguinte consiste na proposta de um trabalho de investigação biobibliográfico sobre um autor português (ou de outra nacionalidade, para os estudantes estrangeiros, possibilitando assim um alargamento de horizontes) contemporâneo de literatura infantil ou juvenil, criando assim um repertório de autores<sup>4</sup> – que tem vindo a crescer ao longo dos anos, em relação directa com o número de estudantes por turma... – que se transforma, em certa medida, no cânone da disciplina, espécie de *tesaurum* que abre as portas a uma visão histórico-literária da literatura para a infância em Portugal, desde as críticas de Eça de Queirós, no muito conhecido artigo “Literatura de Natal”, até aos mais recentes escritores, por vezes anónimos jovens a quem algum dos variados prémios de revelação na área da Literatura Infanto-Juvenil tornou conhecidos. Claramente trata-se de um cânone aberto e em transformação, mas passa a constituir a possibilidade da existência de uma *comunidade de leitores* que acabará por adubar as possibilidades de expressão criativa dos grupos de estudantes.

Procuo, deste modo, criar condições para um envolvimento em quantidade e em qualidade com um conjunto de produções literárias que se transformam numa amálgama de possibilidades, um *corpus* de códigos e registos literários com idiossincrasias capazes de dar aos estudantes uma imagem-ideia comum, reconhecível como um tipo ou um género específico. Do conhecimento e da leitura mais alargada do cânone resulta a capacidade de identificação de tópicos, temas e registos linguísticos e literários próprios da escrita para a infância e juventude. No entanto, e porque o objectivo é sempre alargar e nunca fechar, vão sendo apresentados pelo professor exemplos seleccionados – um cânone restrito – de

---

<sup>3</sup> Em função dos interesses particulares dos estudantes e da nova conjuntura permitida pelos programas Erasmus, que todos os anos lectivos nos têm trazido estudantes de vários países europeus, e que nos permitem antever o que será o panorama durante a vigência de Bolonha.

<sup>4</sup> Tem sido fornecida aos estudantes uma Lista não fechada de autores portugueses de Literatura Infanto-Juvenil, grosso modo constituída pelos seguintes nomes: ALBERTY, Ricardo; ALÇADA, Isabel e MAGALHÃES, Ana Maria; ANDRESEN, Sophia de M. Breyner; ANDRADE, Eugénio de; ARAÚJO, Matilde Rosa; BACELAR, Manuela; BARRETO, Garcia; BERNARDES, Fernando Miguel; BESSA-LUÍS, Agustina; BRANDÃO, Raúl e Angelina; CASTRIM, Mário; COLAÇO, Maria Rosa; CORREIA, Carlos; DACOSTA, Luísa; FERREIRA, Manuel; FERREIRA, Vergílio; FONSECA, Catarina; FONSECA, Lília da; GOMES, Alice; GOMES, Fernando Bento; HONRADO, Alexandre; JOYCE, Patrícia; KEIL, Maria; LEMOS, Ester de; LISBOA, Irene; LISTOPAD, Jorge; LOSA, Ilse; MAGALHÃES, Álvaro; MENÉRES, Maria Alberta; MOTA, António; MOTA, Arsénio; PINA, Manuel António; MOUTINHO, Viale; MULLER, Adolfo Simões; MURALHA, Sidónio; NEVES, Leonel; PINHÃO, Carlos; REDOL, Alves; RIBEIRO, Aquilino; ROCHA, Natércia; SAMPAIO, Jaime Salazar; SOARES, Luísa Ducla; SOARES, Isabel Mendonça; TORRADO, António; VAZ, José; VIEIRA, Afonso Lopes; VIEIRA, Alice; etc.; etc. Esta lista procurou, inicialmente, fazer face ao quase total desconhecimento acerca da autoria revelado pelos estudantes (que nem sempre coincide com o desconhecimento dos textos, uma vez que a aproximação embrionária da disciplina nos revela um campo onde o *anonimato* dos textos era aceite pela maioria sem grandes dúvidas...), mas tem-se transformado, ao longo dos anos, no *cânone oficial* da disciplina / unidade curricular, com reflexos nos conteúdos avaliados nas frequências finais ou em exame.

modernos autores de literatura infanto-juvenil de todo o mundo, procurando misturar saudavelmente a moderna e pós-moderna literatura destinada a crianças e jovens com a mais clássica e tradicional (que, aliás, na maioria dos casos é reconhecida através das múltiplas adaptações provenientes do universo imagético e conceptual da Disney e não a partir dos originais...). Este cânone restrito<sup>5</sup> tem sido bastante mais fluído ao longo dos anos e procura acompanhar as produções mais recentes e originais com uma reflexão crítica sobre a oportunidade da utilização desses materiais tão diversificados em contextos por essência de educação ou de desenvolvimento comunitário e mesmo animação cultural. Em condições óptimas, os próprios estudantes acabam por trazer para o espaço da aula novos nomes de escritores ou produções na área da literatura para a infância e juventude, numa tentativa de explorar o largo manancial de produtos disponíveis e globalmente distribuídos. A reflexão estende-se, consideravelmente, aos múltiplos produtos que circulam na área, procurando sempre manter uma perspectiva crítica e um olhar vigilante sobre a qualidade dos produtos.

Quando as produções criativas e finais dos estudantes aparecem, sob a forma simulada de livro para crianças ou jovens, muito foi lido, dito, pensado e reflectido, individualmente e em grupo-turma, mas os resultados são invariavelmente inesperados e, muitas vezes, agradavelmente surpreendentes, na medida em que ultrapassam as expectativas de simples objectos académicos na sua pureza essencialista para se aproximarem de palpáveis objectos de usufruto estético.

Vejamos apenas alguns exemplos seleccionados em função da disponibilidade arquivística, que não de uma hierarquização de avaliação.

Em *Oh não... mais um irmão!*, os “autores”-estudantes partiram de um núcleo concreto de angústias existenciais dos mais jovens, muito provavelmente com raízes autobiográficas na sua própria infância – a expectativa do nascimento de um irmão/irmã mais novo e a repercussão no(s) irmão(s) mais velhos – para encontrarem a possibilidade de ultrapassar o conflito, através de peripécias palpáveis e construtivas do quotidiano (os ciúmes; o receio de que o padrão consumista habitual tenha que ser alterado; a doença do irmão mais novo, que o obriga a ir para o hospital) que revelam a profundidade e complexidade das relações afectivas familiares e dos princípios éticos do seu relacionamento. A utilização do verso nalgumas das sequências contribui para a qualidade literária do texto, aumentando a eficácia de leitura junto de um público mais jovem e criando ainda condições para a associação da música como complemento de fruição estética. O recurso menos explorado foi o da

---

<sup>5</sup> Apenas um registo com alguns dos escritores incluídos neste cânone restrito da modernidade e pós-modernidade global da literatura infanto-juvenil: Lewis CARROL; Carlo COLLODI; James BARRIE; R. L. Stevenson; Roald DAHL; Hiawyn ORAM e Satoshi KITAMURA; David McKEE; Max VELTHUIJS; Hanna JOHANSEN; Michael FOREMAN; Josse GOFFIN.





Em *De quem será?*, as estudantes do curso de Educação de Infância divertiram-se a versejar sobre uma série de motivações (animais; objectos; forças da natureza), criando um texto expressivo, sob a forma da adivinha, levando a criança-ouvinte a interrogar-se sobre a proveniência da pinta amarela. Os materiais criativos em que o livrinho foi apresentado, sob a forma de recortes e colagens num papel espesso e muito suave e macio, são factores a tomar em consideração, sobretudo quando o público-alvo se enquadra nas idades mais tenras.



Além destes, todos os outros livros artesanais produzidos foram apresentados às crianças que visitam anualmente a ESEL no dia 1 de Junho, o que transformou e aumentou imenso a motivação dos próprios estudantes, e os transformou em educadores activos, potenciais animadores culturais, com capacidade para interpelar o público e orientar reflexões conjuntas. Deste modo bem pragmático e actuante na comunidade envolvente, tem sido possível proporcionar aos nossos estudantes uma primeira experiência no terreno, que aumenta a sua sensibilidade para a importância e oportunidade da utilização da Literatura em ambientes educativos.

Um dos nossos antigos estudantes, actualmente Professor de Educação Física no 2.º ciclo do ensino básico, o Nuno Fabião, viu uma produção sua na área da literatura juvenil ser publicada em 2003. Muito provavelmente a escrita deste *Conversando com o Mar...* esteve em relação com as leituras / aprendizagens / reflexões induzidas ou motivadas pela disciplina de Literatura para a Infância na ESEL.



Nem todos os dias se dão passos destes – uns grandes, de gigante; outros muito pequenos, de formiguita –, mas nenhum cânone literário se constituiu só a partir de um programa, e muito menos da vontade de uns quantos. A consciência clara e nítida de que as instituições de ensino superior têm um papel fundamental a desempenhar na criação e manutenção de um espírito estético e reflexivo, actuante em todas as idades e durante todo o percurso ao longo da vida, parece-me ser uma lição essencial.

A operacionalização que tenho feito desta disciplina ao longo destas duas décadas tem procurado contribuir para esse amplo e complexo objectivo. Continuo a acreditar que é com pequenos contributos deste tipo que a mudança para melhor se constrói com dignidade.